

Por que misturamos as metáforas (e misturamos bem): coerência discursiva, metáfora conceitual e além¹

Why we mix metaphors (and mix them well): Discourse coherence, conceptual metaphor, and beyond

Michael Kimmel²

Tradução: Fernanda Garcia³

Revisão de tradução: Rozane Rebechi⁴

Revisão técnica: Josie Helen Siman⁵

Resumo: Este trabalho trata do fenômeno das metáforas que ocorrem de forma adjacente no texto, ou, em outras palavras, dos agrupamentos de metáforas, mas que não compartilham uma base cognitiva semelhante. Em geral, esses agrupamentos misturam ontologias e, por isso, não apresentam uma coerência passível de ser explicada como proveniente de uma única *metáfora conceitual*. Evidências disso provêm de um corpus britânico (periódicos *Sun* e *Guardian*) composto por 675 comentários de jornais acerca dos referendos de 2004/05 da União Europeia (2.574 metáforas no total). Em primeiro lugar, observamos que os jornalistas frequentemente combinam metáforas em argumentos complexos e bem formados, com 39% e 62% (respectivamente) de todas as metáforas ocorrendo em agrupamentos. Os dados também revelam, de forma ainda mais impressionante, que as metáforas misturadas ontologicamente correspondem a 76% de todos os agrupamentos, e que quase todas são diretamente compreensíveis. Isso põe em dúvida a visão das metáforas mistas como um uso estranho da língua. Defendemos que a mistura funciona porque as metáforas geralmente são inseridas em orações separadas, situadas em diferentes planos temporais, causais, relacionados ao falante ou às suas crenças. Consequentemente, não há uma pressão cognitiva forte para o processamento conjunto das metáforas, o que poderia resultar em um choque perceptível de imagens metafóricas. Assim, as misturas bem-sucedidas são uma consequência natural da alternância da lógica das orações na argumentação complexa. Além disso, apresentamos uma tipologia qualitativa sobre como as metáforas em um mesmo agrupamento interagem na argumentação. Isso questiona a ideia de que as metáforas conceituais são um mecanismo de sustentação da coerência na sua essência. Enquanto as metáforas conceituais podem gerar uma “vinculação interna” em agrupamentos ontológicos coerentes, modelos complementares de “vinculação externa” são necessários para explicar os agrupamentos mistos (e, em última instância, para uma explicação completa sobre todos os tipos de argumentação baseados em metáforas).

Palavras-chave: Metáforas mistas; Agrupamentos de metáforas; Argumentação política; Coerência discursiva; Teoria da metáfora conceitual; Análise metafórica com auxílio de *software*.

Abstract: The paper explores the phenomenon of metaphors that occur in close textual adjacency, i.e. as metaphor clusters, but do not share a similar cognitive basis. Clusters frequently mix ontologies and are thus devoid of coherence that can be explained as emerging from a single *conceptual metaphor*.

¹ Artigo traduzido com a autorização do autor e da editora responsável pela publicação da versão em inglês, a partir do texto KIMMEL, M. Why we mix metaphors (and mix them well): Discourse coherence, conceptual metaphor, and beyond, *Journal of Pragmatics*, v. 42, n. 1, p. 97-115, jan. 2010.

² PhD, University of Vienna, Dept. of English and American Studies, Austria.

³ Bacharelada em Letras Português/Inglês, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), fernanda.garcia@ufrgs.br

⁴ Professora Doutora do Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), rozane.rebechi@ufrgs.br

⁵ Doutoranda em Psicolinguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), josiesiman@gmail.com

Evidence to that effect comes from a British corpus (*Sun* and *Guardian*) of 675 newspaper commentaries covering the 2004/05 EU referenda (in all, 2574 metaphors). First, it turns out that journalists combine metaphors into complex, yet well-formed arguments on a regular basis, with 39% and 62% of all metaphors respectively occurring in clusters. Even more strikingly, the data reveals that ontologically mixed metaphors account for 76% of all clusters and that almost all of these are straightforwardly comprehensible. This challenges the view of mixed metaphor as awkward language usage. I argue that mixing works because metaphors are typically embedded in separate clauses situated at different temporal, causal, speaker, or belief-related conceptual planes. By consequence, no strong joint processing pressure arises that could result in a perceived clash of metaphorical imagery. Thus, felicitous mixing is a natural by-product of the shifting logic of clauses in complex argumentation. In addition, I present a qualitative typology of how clustering metaphors interact in argumentation. It calls into question the view that conceptual metaphors are the coherence-maintaining device *par excellence*. While conceptual metaphors may create “internal binding” in ontologically coherent clusters, complementary “external binding” models are needed to explain the mixed clusters (and ultimately for a full explanation of all kinds of metaphor-based argumentation).

Keywords: Mixed metaphor; Metaphor clusters; Political argumentation; Discourse coherence; Conceptual metaphor theory; *Software*-assisted metaphor analysis.

1. Introdução

1.1. O que são as metáforas mistas?

As metáforas no jornalismo, na política, no ensino e até nas conversas diárias costumam aparecer em agrupamentos nos quais metáforas de diferentes tipos se misturam. Podemos ver isso na citação a seguir⁶:

He [British Prime Minister Tony Blair] has had **to play his difficult hand** [jogar com uma mão difícil⁷⁸] with due *diplomacy*, and not risk **finding himself too far in the vanguard** [encontrar-se muito na vanguarda⁹]. So he was reluctant to say out *loud* that the British referendum on the constitution was **suspended** [suspenso], *let alone* **dead** [morto]. Instead, he **worked** [trabalhou¹⁰] the Danes - **the next in the firing line** [os próximos na linha de fogo]- to agree that further plebiscites would be **masochism** [masoquismo], thus **countering** the French **view** [contrariando a visão] that the referenda should *continue*. In the words of the former Foreign Office minister Denis MacShane: “Even **lemmings** [lêmingues¹¹] have got a right to **stop at the**

⁶ Optamos por manter os textos em inglês sem itálico, pois esta forma já está sendo usada pelo autor para representar as metáforas que foram reconhecidas, mas não analisadas. As traduções das metáforas feitas por nós estão representadas entre colchetes e sublinhadas; com exceção desses casos, todos os grifos são do autor. (N. T.)

⁷ Ao traduzir as metáforas deste artigo, optamos por priorizar as imagens evocadas por elas em detrimento da recuperação do sentido por meio de metáforas comuns do português brasileiro, com o objetivo de não comprometer a análise do autor presente no artigo original. Nos casos em que elementos essenciais para a análise não foram recuperados pela tradução, notas de rodapé explicativas foram adicionadas. (N. T.)

⁸ Referência à situação em que um jogador de pôquer precisa jogar com um conjunto de cartas ruim. (N. T.)

⁹ Neste contexto, ‘encontrar-se muito na vanguarda’ se refere a estar na linha de frente de uma tropa. (N. T.)

¹⁰ O verbo ‘trabalhar’, neste contexto, tem o sentido de manipular. (N. T.)

¹¹ Um lêmingue (tipo de roedor), neste contexto, faz referência a uma pessoa que segue as outras cegamente e não tem opinião própria, tal qual uma ovelha em um rebanho. (N. T.)

edge of a cliff [parar na borda do precipício]’’. (*Guardian* PD 67)

A passagem entrelaça metáforas de diferentes domínios fonte – aposta, guerra, vida e morte, relações de força, percepção visual e viagem – de maneira habilidosa e que sustenta um argumento complexo em relação à política na União Europeia. As metáforas satisfazem às duas condições básicas para serem consideradas metáforas mistas: (1) são adjacentes, isto é, ocorrem dentro do mesmo agrupamento de metáforas, e (2) (em geral) não compartilham ontologias metafóricas nem acarretamentos inferenciais diretos entre si. Metáforas mistas como essas representam, historicamente, um desafio para os teóricos. Alguns as relegaram à categoria de usos estranhos da língua, mas logo ficará claro que esse não é sempre (nem tipicamente) o caso. O que, então, possibilita ao falante agrupar diferentes metáforas de uma maneira complexa e garantir que elas criem e até fortaleçam um argumento devido à sua articulação bem elaborada?

A evidente complexidade cognitiva por trás da produção de metáforas mistas sugere que uma abordagem linguística minuciosa poderia trazer algumas revelações sobre as metáforas no discurso, principalmente em relação ao seu papel conceitual na elaboração de unidades argumentativas razoavelmente longas e complexas. Neste trabalho, pretendemos mostrar que os agrupamentos mistos são muito frequentes (pelo menos em alguns gêneros textuais) para serem ignorados, mas que, até o momento, não existem modelos suficientemente abrangentes para explicá-los. Para um melhor entendimento dos padrões em que essas misturas costumam ocorrer, apresentaremos uma análise qualitativa das metáforas mistas nos discursos relacionados à União Europeia, com o auxílio de um novo método para estabelecer a frequência dessas metáforas de forma semi-automática. A partir disso, ofereceremos uma explicação sobre as metáforas mistas e, ao mesmo tempo, estabeleceremos pré-requisitos para um modelo cognitivo da metáfora que considere estruturas de discurso maiores.

1.2. O papel dos agrupamentos de metáforas no discurso

Uma revisão dos estudos dos agrupamentos de metáforas em diálogos ou textos escritos revela registros tanto de coerência quanto de incoerência metafóricas. Por exemplo, apesar de existirem indicadores sobre a tendência de expressões figuradas compartilharem uma raiz cognitiva e serem coerentes (de 67% até 95%) em aulas no ensino superior, interações em sala de aula e sermões de batizados (CORTS & POLLIO, 1999; CORTS, 2006; CORTS & MEYERS, 2002), também há evidências do contrário. Quinn (1991) aponta que, em entrevistas sobre a vida conjugal, as metáforas frequentemente mudam de um mapeamento para outro de forma fluida, sem que isso atrapalhe a coerência do discurso. Mais especificamente, Shen e Balaban (1999) mostram que, no jornalismo, as metáforas não sinalizadas – isto é, aquelas que

não são introduzidas estrategicamente como a base de um argumento – ocorrem com maior frequência em agrupamentos mistos do que em agrupamentos coerentes.

Os agrupamentos de metáforas exercem três tipos de funções. Eles atraem a atenção, e, por isso, servem como recurso de atribuição de importância, como sugere Koller (2003) em seu estudo exploratório sobre as metáforas no discurso do marketing e de fusões empresariais. O trabalho de Kyratzis (1997, p. 119) sobre o discurso relacionado à política da Grécia confere aos agrupamentos os créditos pela criação do discurso eficiente, ao afirmar que “metáforas que se complementam podem ser mais eficazes”. Além disso, os agrupamentos parecem surgir “onde a ação está”. Corts e Pollio (1999) e Corts (2006) mostram que os agrupamentos de linguagem figurada que incluem metáforas são fortemente ligados ao tópico principal e ajudam a esclarecer assuntos complexos e desconhecidos. Cameron e Stelma (2004, p. 33-34), de maneira semelhante, afirmam que os agrupamentos de metáforas são fonte de “intenso trabalho interativo ligado ao objetivo geral do discurso”, e Cameron (2003) observa o fenômeno principalmente quando tarefas escolares são explicadas, atividades são resumidas ou concluídas, alunos precisam ser controlados pelo professor e feedback é oferecido. Por fim, os agrupamentos de metáforas conectam e dinamizam o discurso. Eles ocorrem porque os interlocutores interligam, estendem, rejeitam, limitam ou elaboram metáforas criadas previamente, como demonstra Liebert (1997). Padrões similares de extensão, elaboração, exemplificação, questionamento e negação entre metáforas são ilustrados em Kyratzis (1997).

1.3. O que permite que os agrupamentos de metáforas mistas sejam recursos discursivos eficazes?

Os agrupamentos de metáforas mistas são um dilema. Cognitivistas defendem veementemente a produção cognitiva e os esquemas de recepção para as metáforas linguísticas denominadas “metáforas conceituais” (LAKOFF e JOHNSON, 1980). Ainda assim, a evidente presença massiva das metáforas conceituais na linguagem e no pensamento não explica por que algumas metáforas se misturam bem. O que, então, permite que metáforas próximas que não compartilham da mesma raiz conceitual se unam para fortalecer um argumento, como no trecho do início do capítulo? Em poucas palavras, pretendo mostrar que os princípios que integram os agrupamentos de metáforas podem, mas não necessariamente incluem as imagens e os acarretamentos de uma metáfora conceitual. Na falta de tais semelhanças, devemos olhar para os mecanismos de união que auxiliam na criação de um “planejamento de discurso” complexo. Outros tipos de meso e macroestruturas discursivas, como, por exemplo, aquelas inerentes à

argumentação ou à lógica narrativa, podem “unir” as expressões metafóricas incompatíveis ontologicamente e criar uma unidade de discurso significativa.

Assim, que papel sobra para as metáforas conceituais, às quais tantas vezes foi atribuída uma capacidade notável para a formação do discurso? O principal pressuposto deste trabalho é que a competência das metáforas conceituais deve ser analisada por dois ângulos diferentes, mas facilmente combináveis. O motivo de uma metáfora ser considerada apropriada para ocupar um espaço no enunciado é, de certa forma, diferente da questão sobre como e por que todas as metáforas se interligam. Voltando ao exemplo já mencionado, se Blair “precisou **jogar com uma mão difícil** devido à diplomacia”, o motivo da escolha dessa metáfora foi a ênfase na dificuldade estratégica. No segmento seguinte, a metáfora “e não arriscar **encontrar-se muito na vanguarda**” enfatiza o momento certo de abordar um assunto complicado. Ambas as expressões fazem uso de metáforas conceituais altamente convencionais (HABILIDADE POLÍTICA É ESTRATÉGIA DE APOSTA e AÇÃO POLÍTICA É GUERRA) que fazem parte dos esquemas cognitivos de produção de metáforas do jornalista e dos leitores. As duas metáforas são, nesse sentido, logicamente autossuficientes e autônomas. Por outro lado, o motivo de essas metáforas estarem conectadas em uma única frase é uma questão que as metáforas conceituais envolvidas não conseguem realmente explicar. Aparentemente, dois elementos de uma situação complexa estão sendo somados ou descritos em paralelo um com o outro. Ambas as metáforas dependem do significado contextual que Blair queria transmitir aos seus eleitores ao decidir não realizar o referendo sobre a União Europeia no Reino Unido, ao mesmo tempo tentando não irritar outros políticos europeus que esperavam isso dele. As metáforas dão um toque a mais a essa situação. O ponto principal é que os motivos que fazem uma metáfora se encaixar no discurso (*seleção metafórica*) não precisam explicar o que integra várias metáforas em uma unidade de discurso maior (*vinculação metafórica*). Seria um grande equívoco dizer que as metáforas conceituais podem explicar totalmente o surgimento de argumentos completos com metáforas mistas complexas, apesar de a teoria da metáfora conceitual, se lida superficialmente, poder ser interpretada dessa forma. Apesar disso, as metáforas conceituais já estão consagradas demais para que as descartemos na teorização sobre discurso e cognição. Devemos, em vez disso, nos questionar sobre que tipo de limitações podemos esperar delas, e quando.

Neste trabalho, pretendemos alcançar três objetivos. Mostraremos que existem diversos tipos de agrupamentos de metáforas e que estes levam a vários graus de coerência metafórica. Ao mesmo tempo, apresentaremos dados mostrando que as metáforas mistas são frequentes e explicaremos por que isso raramente resulta em um discurso incoerente. Por fim, reconsideraremos a questão das metáforas conceituais à luz dessas observações, sustentando

que elas podem ser ativas na seleção metafórica, mas não tanto na vinculação metafórica. Como ponto de partida, apresentaremos brevemente o corpus e os métodos que foram utilizados para comprovar nossas afirmações de maneira empírica.

2. Corpus e método

2.1. Corpus

Como parte de um estudo comparativo sobre a cobertura da mídia em relação aos referendos na União Europeia (MOKRE *et al.*, 2006), analisamos comentários e reportagens de versões online dos jornais britânicos *Sun* (tabloide) e *The Guardian* (jornal de prestígio) em um período de 14 meses entre junho de 2004 e setembro de 2005. Os artigos selecionados deveriam conter as palavras ‘*constitution*’ [constituição] e ‘*EU*’ [UE]. Estabelecemos um limite de um artigo por dia e cinco por dia em períodos de pico relacionados aos referendos, às ratificações nacionais e às reuniões da UE.

2.2. Metodologia da codificação

Usando o *software* ATLAS.ti 5.2, um codificador identificou e categorizou as metáforas manualmente e com sensibilidade contextual (em vez de fazer uma seleção por lematização).¹² De maneira geral, todas as expressões com uma referência mais básica (espaço-físico, sensorial ou outro tipo mais básico) que o seu significado contextual foram marcadas (cf. Pragglejazz Group, 2007).¹³ As unidades metafóricas geralmente eram compostas por, no máximo, frases, e raramente eram menores que uma oração, a não ser que a oração incluísse várias unidades. Todas as realizações linguísticas das metáforas foram consideradas, contanto que todas estivessem relacionadas com os domínios alvo UE ou outros tópicos políticos. Metáforas não especificadas contextualmente (“*it is striking that*” [é chocante que]), as inevitáveis metáforas ontológicas (“*he is in a state of*” [ele está em um estado de]) e verbos frasais (“*raise doubts*”

¹² Como a codificação em dois níveis (ver abaixo) exige tempo, não foi possível empregar mais de um avaliador, apesar da checagem de credibilidade entre avaliadores ser recomendada. (N. A.)

¹³ Divergindo levemente do método proposto pelo Pragglejazz Group, essa definição operacional desconsiderou casos em que o significado abstrato de uma palavra pudesse ser o seu significado prototípico. Essa decisão pode comprometer o critério de fidelidade no processamento de metáforas, importante para a credibilidade entre avaliadores. De todo modo, isso afeta apenas poucos casos. (N. A.)

[levantar dúvidas]) não entraram na análise porque não revelam nada específico do discurso.¹⁴

Cada metáfora identificada recebeu dois códigos específicos que definiam seu domínio-fonte e domínio alvo (combinação a partir da qual é possível reconstruir um mapeamento). A expressão “*the EU is at a cross-roads*” [a UE está em uma encruzilhada], por exemplo, foi marcada com “alvo: *EU* [UE]” e “fonte: *paths* [trajetória]”. As metáforas foram etiquetadas com quantos itens fossem necessários de um conjunto de 27 esquemas de imagem e de 54 domínios fonte prolíficos, além de um dos 33 domínios alvo possíveis relativos à política da União Europeia.¹⁵

É importante mencionar que um sistema de dois níveis foi aplicado aos códigos dos domínios fonte, permitindo a formação de diversos grupos de expressões metafóricas semelhantes. Resumidamente, os domínios fonte das metáforas tipicamente envolvem tanto uma *base imagética* que “carrega” a ontologia do evento (cf. Princípio da Invariância; LAKOFF, 1990) quanto um *elemento* que fornece mais informações sobre esse evento. A expressão “*the EU constitution gets the axe*” [a constituição da UE recebeu o machado¹⁶], por exemplo, evoca um cenário de esquema de imagem no qual uma entidade é destruída por uma força motora rápida e definitiva, o que especifica a ontologia do evento (método e finalidade rápidos). Conhecer machados e o cenário da execução acrescenta uma segunda camada cognitiva (execuções concernem a seres animados, são cruéis e põem um fim às suas vidas). Assim, a metáfora pode ser agrupada de forma legítima com todas as outras metáforas em que ocorrem forças rápidas e potentes, ou com todas as metáforas relacionadas a punições, sem a necessidade de uma força (por exemplo, “*jailed*” [encarcerado]). Logo ficará claro que essa estratégia de codificação em dois níveis é essencial para uma parte importante deste trabalho: a exclusão de todas as metáforas que compartilham algo em comum entre o conjunto inteiro de metáforas, para, assim, chegarmos aos agrupamentos realmente mistos.

¹⁴ Incluir esse constante “ruído metafórico” na análise nos obrigaria a procurar por semelhanças ontológicas entre metáforas adjacentes de par em par, de maneira pouco proveitosa. Isso inevitavelmente levaria a um grau muito baixo de similaridade, pois os dados das metáforas relacionadas à UE e à política seriam gravemente “diluídos” (como consequência, dentre as metáforas relevantes para o tema, aquelas que fossem semelhantes poderiam aparecer a três ou quatro unidades de código de distância, criando, assim, um obstáculo no método de contagem). De forma mais geral, a codificação sem limitações de tópico, de maneira similar a Cameron e Stelma (2004), é incompatível com uma análise relevante da coerência ligada ao tema. Não se espera que essas metáforas – que, de um ponto de vista funcional, têm um “status especial” – sejam coerentes, pois seu uso, a priori, não é limitado por mecanismos de discurso específicos de um tema. (N. A.)

¹⁵ Códigos adicionais com palavras-chave para expressões idiomáticas fixas e recorrentes como *red tape* [burocracia], *streamline* [fluxo], *superstate* [superestado], *hand over [...] powers* [entregar poderes] (16 para o *Sun* e o *Guardian* cada) não foram relevantes para o estudo. (N. A.)

¹⁶ A expressão idiomática ‘*get the axe*’ é utilizada com o sentido de que algo foi interrompido ou eliminado abruptamente, e remete a uma execução com o machado como instrumento. (N. T.)

3. Resultados quantitativos

3.1. Frequência geral dos dados

Em suma, 2.574 unidades de metáfora foram encontradas. É importante observar que muitas outras metáforas (estima-se 30% a mais) teriam sido identificadas, caso metáforas com domínios alvo não relacionados à União Europeia tivessem sido incluídas. Em uma primeira análise geral, foi calculada a densidade de metáforas por artigo e por palavra (Tabela 1).

Tabela 1. Artigos, palavras e metáforas

	Número de artigos codificados	Total de palavras	Palavras por artigo (média)	Total de metáforas codificadas	Metáforas codificadas por artigo (média)	Metáforas codificadas por palavra (média)
<i>Guardian</i>	501	321.411	642	1588	3,2	0,005
<i>Sun</i>	174	41.704	240	986	5,7	0,024

Apesar de o total de palavras do *Guardian* ser muito maior, o que se deve à extensão e à quantidade dos artigos, o número de metáforas se mostrou bastante equilibrado. Em outras palavras, o *Sun*, em geral, compensa a concisão de seus artigos com conjuntos de metáforas muito mais densos, e uma média quase duas vezes mais alta por artigo.

Em seguida, utilizamos o *software* para procurar todas as unidades de metáfora adjacentes que originaram agrupamentos. As unidades identificadas abrangiam no mínimo orações, para que os veículos (ver CAMERON, 2003) não precisassem, é claro, ser absolutamente adjacentes para serem qualificados. A tabela a seguir mostra a frequência dos agrupamentos de metáforas em relação às metáforas simples por artigo (Tabela 2).

Dentre todas as metáforas identificadas, 39% e 62%, respectivamente, fazem parte de agrupamentos.¹⁷ Foram encontrados agrupamentos de até seis metáforas no *Guardian* e de até nove no *Sun*, apesar de agrupamentos duplos e tripos serem bem mais frequentes.

¹⁷ A discrepância entre os periódicos é provavelmente resultado da densidade mais alta de metáforas do *Sun* no geral, e do tamanho muito menor dos seus textos (Tabela 1: média de metáforas por palavra). Os artigos curtos do *Sun* tendem a empregar as metáforas de maneira contínua, e a eliminar passagens factuais e não-metafóricas encontradas em jornais de prestígio como o *Guardian* para dar lugar a campos metafóricos chamativos, persuasivos e repetitivos (ver MOKRE *et al.*, 2006). (N. A.)

Tabela 2. Frequência dos agrupamentos

Distância máxima: 3	<i>GUARDIAN</i>		<i>SUN</i>	
	Agrupamentos desse tipo	Metáforas nesse tipo de agrupamento	Agrupamentos desse tipo	Metáforas nesse tipo de agrupamento
Metáforas simples (não agrupadas)	967	967 (60,89%)	372	372 (37,7%)
Metáforas duplas	183	366	125	250
Metáforas triplas	57	171	46	138
Metáforas quádruplas	12	48	27	108
Metáforas quántuplas	6	30	8	40
Metáforas sêxtuplas	1	6	3	18
Metáforas sétuplas	0	0	5	35
Metáforas óctuplas	0	0	2	16
Metáforas nônuplas	0	0	1	9
Soma das metáforas em agrupamentos (excluindo metáforas simples)		621 (39,11%)		614 (62,3%)
Total de metáforas		1588		986

3.2. Frequência de metáforas mistas em agrupamentos

Para avaliar a importância do fenômeno das metáforas mistas é importante conhecer a sua frequência. O ideal seria uma abordagem manual que analisasse os pares de metáforas um por um, já que, assim, seria dada a devida importância ao contexto. No entanto, esse tipo de abordagem exige muito tempo e pode ser substituído pela utilização das marcações dos domínios fonte e alvo que cada metáfora recebeu no processo de codificação básica.

3.2.1. Como as metáforas mistas podem ser utilizadas?

A proporção entre as metáforas *conceitualmente* “semelhantes” e aquelas *conceitualmente* “mistas” em agrupamentos de metáforas pode ser estabelecida pela utilização de um método de busca semi-automática no ATLAS.ti 5.2. Indicadores quantitativos são fornecidos pelo sistema de codificação, ao qual podemos aplicar buscas usando a teoria dos conjuntos de Boolean no ATLAS.ti: duas metáforas adjacentes podem ser consideradas conceitualmente coerentes se compartilharem partes da ontologia do domínio-fonte, partes da ontologia do domínio alvo, ou ambas. Do contrário, podem ser consideradas metáforas mistas.

Com base nessa definição, ao examinarmos todos os pares adjacentes relevantes, obtemos um cálculo geral da frequência das metáforas mistas.

O principal obstáculo teórico para a estratégia proposta resulta da categorização de domínios fonte como iguais ou diferentes. Nenhum conjunto de códigos é capaz de captar a gama completa de possíveis semelhanças conceituais entre duas expressões metafóricas. Dito isso, minha tarefa aqui será detalhar um modo de reunir códigos de metáforas em grupos pertinentes e que, ao mesmo tempo, considere as diversas dimensões da similaridade. Tecnicamente, a questão é bastante simples. Cada categoria definidora de semelhanças é inserida no ATLAS.ti pelo agrupamento de códigos com propriedades ontológicas semelhantes em conjuntos chamados *Famílias de Códigos*. Logo, metáforas mistas são calculadas ao *subtrairmos, de todos os possíveis pares metafóricos adjacentes, aqueles que apresentam qualquer tipo de propriedade ontológica compartilhada*. Com isso em mente, explicarei a seguir o processo de checagem para detectar essas ontologias compartilhadas.

3.2.2. Definindo conjuntos de domínios fonte com ontologias semelhantes

Para contabilizar os agrupamentos mistos, o principal fator que devemos eliminar é a existência de domínios fonte semelhantes entre metáforas. Tais semelhanças podem ser do tipo esquema de imagem ou terem relação com o conhecimento sobre um domínio amplo, ou seja, a primeira e a segunda metáfora em cada par podem compartilhar semelhanças em um ou até nos dois níveis. Isso ressalta a importância da decisão de marcar cada metáfora com os dois tipos de código, o que será explorado na análise a seguir.

Em relação às famílias ontológicas entre domínios fonte de origem esquemática, uma estrutura topológica compartilhada define as semelhanças. Podemos seguir as instruções de Quinn (1991), Cienki (1997) e Oakley (2007), que defendem uma hierarquia dos esquemas de imagem relacionados a FORÇA, ENTIDADE, CONTÊINER ou TRAJETÓRIA e estabelecem relações de semelhança entre tipos diferentes de esquemas de imagem. No desenvolvimento da nossa hierarquia, optamos por permitir classificações múltiplas porque esquemas de imagem como TRAJETÓRIA estão relacionados tanto a LIGAÇÃO quanto a FORÇA, e também porque algumas

Tabela 3. Famílias de esquemas de imagem

Movimento (superfamília)		Entidade (superfamília)						
Trajectoria	Força	Dinâmica do objeto	Meronímia e relações de objetos	Contentor (espaço do objeto)	Direcional	Axiologias (outros sentidos)	Contornos temporais	Outros códigos desconsiderados
<i>Movimentos, trajetórias e transporte de objetos</i>	Forças	<i>Ser/agente animado</i> ¹⁸	<i>Centro-periferia</i>	<i>Contentor, absorção, quebra</i>	Frente-costas	Duro-macio	Ciclo	Novo-velho
<i>Ligação</i>	Força-impulso	<i>Contentor, absorção, quebra</i>	<i>Ligação</i>	Cheio-vazio	Cima-baixo	Barulhento-silencioso	<i>Equilíbrio</i>	
Reto-torto	Equilíbrio	<i>Movimentos, trajetórias e transporte de objetos</i> ¹⁹	Parte-todo		<i>Perto-longe</i>	Claro-escuro		
<i>Junto-separado</i>	<i>Ser/agente animado</i>		<i>Junto-separado</i>		Centro-periferia ²⁰	Temperatura (quente-frio)		
<i>Perto-longe</i>	<i>Contentor, absorção, quebra</i>		Estrutura-falta de estrutura			Mal-cheiro		
			Objetos: objetos intactos e destruição					
			Grande-pequeno					
			<i>Perto-longe</i>					

¹⁸ Esse código de domínio prolífico também é definido aqui por um código de esquema de imagem, pois a agentividade envolve a imagem de uma entidade automotora e imbuída de força. (N. A.)

¹⁹ Os dois últimos às vezes ocorrem em concepções em que as mudanças dinâmicas de um objeto são mentalmente traçadas. (N. A.)

²⁰ Pode ser um movimento do centro em direção à periferia em uma concepção dinâmica. (N. A.)

Tabela 4. Famílias de domínios fonte (=campos temáticos) prolíficos

Processos da vida	Agentes	Relações sociais (superfamília)					
		Relações	Emoções	Conflito	Poder e interesses	Arte, atividades e organizações	Delitos
Vida e morte	<i>Corpo</i>	Relações sociais e grupos	Abraçar	Guerra e agressão	Negócios	Esportes, jogos e brincadeiras	Crime e conspiração
Nascimento	Personificação	Relações familiares	<i>Romance</i>	<i>Arma</i>	<i>Posse</i>	Teatro	Veneno
Saúde e doença	Animal	<i>Romance</i>	<i>Sexo</i>	Estupro e ação forçada	Ceder/entregar	Dança	Punição e execução
Plantas e crescimento	Ser/agente animado	<i>Sexo</i>		Ameaça e medo	<i>Competição</i>	Religião, ritual e sacrifício	Julgamento
<i>Corpo</i>	Criatura/monstro			<i>Tirania</i>	<i>Traição</i>		
	Fantasma			Revolução/rebelião	<i>Tirania</i>		
	<i>Veículos, motoristas e viagens</i>			Rendição	<i>Imposição</i>		
				<i>Competição</i>	<i>Superestado</i>		
				Desprezo	Império		
					Guarda		
Disposição interna	Comunicação	Desastres	Artefatos		Estilo de vida	Códigos desconsiderados	
Insanidade	Conversa	Clima	Construções		Comida	Álcool	
Sono e sonhos	Traição	Forças naturais	Máquinas e tecnologia		Caça e pesca	Química	
	História	Fogo e explosão	Mesa			Mágica/feiticeiro	
		Catástrofe	Tecido/roupas			Cavalheirismo	
			<i>Veículos, motoristas e viagens</i>			Plano-mestre	
			<i>Arma</i>			Limites	
			<i>Posse</i>			Burocracia	
						Arrumação	

categorias de códigos como “movimentos, trajetórias e transporte de objetos” ou “preservação de objetos e destruição de objetos” eram amplas demais. De um ponto de vista metodológico, essa decisão aumenta a probabilidade de encontrar pares que pertençam à mesma família. Decidimos agrupar os códigos nas famílias **“trajetória-força”, “entidade”, “direcional”, “pares axiológicos das modalidades sensoriais não-cinestésicas/não-proprioceptivas”** e **“contornos temporais”** (todos podem, por princípio, incluir itens adicionais não encontrados aqui). Os itens em itálico são os que ocorrem sob vários rótulos.

É importante observar que uma opção de análise alternativa foi criada pela introdução de duas superfamílias. A utilização desse tipo de controle de semelhança mais flexível aumenta a probabilidade de encontrarmos pares coerentes de metáforas, o que talvez favoreça os pesquisadores que considerarem as categorias diferenciadas demais (Tabela 3).

Em seguida, para agrupar domínios fonte prolíficos, como “vida e morte”, “relações sociais”, “jogos e brincadeiras”, “guerra” e “emoções”, campos semânticos estruturados de forma associativa definem a ontologia. Aqui, a semelhança da estrutura inferencial define a equivalência. Surge uma superfamília (“relações sociais”), assim como nos esquemas de imagem (Tabela 4).

Em ambas as tabelas, as famílias suprimem alguns poucos códigos específicos difíceis de classificar, que aparecem na última coluna de cada tabela. Eles foram tratados como “outros” e, assim como as expressões idiomáticas fixas, não foram incluídas na análise.

Podemos também optar por excluir da conta das metáforas mistas todos os pares com domínios alvo semelhantes. Esses domínios podem originar semelhanças ontológicas tanto quanto os domínios fonte. No entanto, no presente estudo devemos atribuir menos peso a esse indicador. Em primeiro lugar, enquanto os domínios fonte utilizados aqui tendem a se referir a qualquer elemento na amplitude do conhecimento, incluindo os mais distantes, os domínios alvo são todos inerentemente relacionados à UE ou à política, e as diferenças podem ser consideradas pequenas para alguns. Em segundo lugar, metáforas com domínios alvo não relacionados à UE foram inteiramente excluídas da análise. Os resultados para agrupamentos coerentes informados abaixo estão artificialmente elevados devido a essas duas razões. Para aqueles que ainda desejam incluir os domínios alvo, conjuntos ontológicos podem ser diretamente criados (inclusive sem subtipos): (1) A UE, (2) a constituição da UE, (3) a campanha e o debate, (4) a crise pós-referendo, (5) protagonistas políticos específicos, e (6) processos políticos e agentes no geral (Tabela 5).

Tabela 5. Famílias de domínios alvo

UE	Constituição da UE	Campanha/debate sobre o referendo	Referendo e crise subsequente	Protagonistas políticos	Processos políticos
A UE é...	A constituição (como entidade) é...	O debate/campanha é...	O referendo é... As reações ao NÃO são... As soluções para a crise são...	Um povo é... Um político ou partido é...	Os agentes políticos em geral são... As instituições políticas em geral são...
A ideia da UE é...	O conteúdo da constituição é...		O rumo da crise é... O resultado da crise é...	Um estado-nação na UE é... A elite é...	Os processos políticos em geral são... As emoções/crenças políticas são...
As instituições da UE são...	O processo constitucional é...		As causas da crise são...		As mensagens políticas são...
A integração da UE é...	O fim da constituição é...				A busca política por interesse e ação é...
A economia da UE é...	O resultado ou função da constituição é...				

3.2.3. Resultados: frequência das metáforas mistas

Os primeiros pares de metáforas adjacentes que devemos excluir da conta são aqueles com domínios fonte coerentes. Que porcentagem compartilha de uma ontologia comum em uma das nove famílias de esquemas de imagem, ou uma das 14 famílias de domínios fonte prolíficos que acabamos de definir? A Tabela 6 responde a essa pergunta. As colunas da esquerda e do centro representam pares consistentes nos domínios de esquemas de imagens e nos domínios prolíficos, respectivamente. Na última coluna à direita, ambas as medidas foram combinadas com o operador booleano OR [ou] para calcular um valor global significativo de pares consistentes. As duas linhas refletem o uso dos dois níveis de controle de semelhança, ou seja, (a) são os subcódigos mais diferenciados com critérios de semelhança mais rígidos, e (b) são os critérios de semelhança mais flexíveis para os supercódigos de nível mais alto (em que FORÇA e TRAJETÓRIA, por exemplo, são tratados como pertencentes a um único tipo de ontologia). O nível mais relevante de semelhança ontológica é aquele que faz mais

diferenciações entre os códigos. Logo, os dados utilizados são os do canto inferior direito da Tabela 6.

Os resultados não deixam dúvida: a coluna da direita mostra que ontologias consistentes – baseadas no controle de semelhança mais rígido – não chegam nem a 25% de todos os pares

Tabela 6. Porcentagem das ontologias consistentes (ou seja, não mistas) entre pares adjacentes.

TIPOS DE DOMÍNIO-FONTE	(A) Ontologias de esquema de imagem		(B) Ontologias de esquemas prolíficos		(A) OU (B)	
	<i>Guardian</i>	<i>Sun</i>	<i>Guardian</i>	<i>Sun</i>	<i>Guardia</i>	<i>Sun</i>
<i>Nome do periódico</i>					<i>n</i>	
Soma base dos pares de metáforas adjacentes (100%)	353	397	353	397	353	397
<i>Utilização dos supercódigos sem diferenciações, quando aplicável (famílias mais inclusivas e em menor número)</i>	66 18,7%	56 14,1%	59 16,7%	67 16,8%	124 35,1%	117 29,5%
<i>Subcódigos diferenciados (famílias menos inclusivas e em maior número)</i>	46 13,0%	40 10,1%	37 10,5%	62 15,6%	84 23,8%	97 24,4%

Tabela 7. Porcentagem dos domínios alvo consistentes entre pares adjacentes.

<i>Nome do periódico</i>	<i>Guardian</i>	<i>Sun</i>
Pares de metáforas adjacentes (100%)	353	397
Ontologias consistentes de domínios alvo entre esses pares	164	118
Porcentagem	46,6%	29,7%

de metáforas em cada periódico.²¹ As ontologias com domínios fonte mistos são maioria esmagadora, tanto na categoria de esquemas prolíficos quanto na de esquemas de imagem, e, em ambas, compõem 76% das metáforas. Outra observação interessante é que a incidência de

²¹ Esse método avalia as metáforas mistas de maneira mais prudente, e as metáforas consistentes de maneira mais generosa. Alguns pares considerados consistentes em uma verificação manual podem acabar não compartilhando nenhum acarretamento nos casos em que os códigos foram definidos de maneira genérica. O total de pares consistentes provavelmente inclui os chamados erros de tipo 1, ou “falso positivo”. Erros de tipo 2 (falhas na identificação de metáforas consistentes) poderiam acontecer somente se eu falhasse em definir os códigos de metáforas ou não percebesse semelhanças ontológicas relevantes no momento da criação dos conjuntos de famílias. Isso é improvável, considerando os diversos agrupamentos de famílias e o grande número de códigos básicos. Essas precauções justificam o amplo domínio das metáforas mistas. (N. A.)

metáforas mistas é quase idêntica em ambos os periódicos, apesar da sua já mencionada diferença em tamanho e densidade de metáforas. Além disso, o cálculo menos discriminatório pelas superfamílias, como esperado, apresenta menos metáforas mistas, mas sem um impacto muito grande, multiplicando as ocorrências coerentes por um fator moderado de 1,2-1,5.

Em relação aos seis conjuntos de domínios alvo, não houve surpresa na conclusão de que a coerência entre domínios alvo em pares adjacentes é mais frequente que a coerência entre domínios fonte, pois os falantes tendem a se ater ao tópico sobre o qual falam, mesmo utilizando diferentes tipos de metáfora (em relação aos domínios fonte) para isso (Tabela 7).

Não podemos oferecer contribuições conclusivas sobre a evidente diferença entre as porcentagens dos dois periódicos analisados. Podemos apenas supor que o estilo extravagante do *Sun* inclua muitas metáforas que divergem do tópico da UE ou que alternam entre estilos discursivos.²²

3.2.4. Conclusões desta seção

Os cálculos anteriores mostraram que os agrupamentos correspondem a 39% e 62% de todas as metáforas, respectivamente. Nesta seção, tomamos esses agrupamentos como um subcorpus e analisamos quantos deles apresentavam ontologias mistas. Verificamos que, pelo critério (mais central) de domínios fonte mistos, a maior parte das metáforas adjacentes envolve ontologias mistas. Esses resultados vão ao encontro de Quinn (1991) e de Shen e Balaban (1999), mas não de Corts (2006), possivelmente devido a diferenças de gênero. Uma questão crucial surge desses dados. Se mudanças fluidas entre as ontologias de metáforas são tão frequentes e se a “lógica metafórica” falha em explicar adequadamente por que elas são capazes de formar passagens de texto bem-construídas, então os teóricos de metáforas carecem de uma perspectiva mais abrangente. O restante do trabalho, por conseguinte, discute por que as metáforas mistas ocorrem e geralmente não são consideradas estranhas ou anormais.

²² Algumas ressalvas são importantes no momento de interpretar esses resultados; dois fatores podem ter conferido maior consistência a eles. Certas metáforas ontológicas básicas (“*in a state of shock*” [em estado de choque] etc.) e também algumas metáforas totalmente sem relação com a UE no texto (“*it is striking that*” [é impressionante que], etc.) permaneceram inegáveis para a análise. Um terceiro fator, no entanto, pode compensar essa interferência: alguns domínios alvo considerados mistos talvez não apresentem uma impressão subjetiva de diferença em alguns contextos (por exemplo, a própria UE e a constituição da UE, ou o estilo de debate e a avaliação dos políticos manifestando esse estilo). Assim, alguns resultados listados como domínios alvo mistos podem ser percebidos como relacionados a domínios alvo aproximadamente semelhantes. Conseqüentemente, a parte da análise relacionada aos domínios alvo deve ser encarada apenas de forma heurística. (N. A.)

4. Tipos qualitativos de interação de metáforas no discurso jornalístico

Os dados sobre a frequência dos agrupamentos de metáforas já alertam para o fato de que eles devem ser analisados com mais atenção. Apesar de ser evidente que as metáforas em um mesmo agrupamento estão quase sempre unidas tematicamente pelo contexto, será que isso já implica coerência no nível ontológico? A resposta é: não. Isso não pode ser presumido automaticamente. Para um entendimento mais refinado dos dados, podemos distinguir três graus de conexão conceitual entre duas ou mais metáforas adjacentes: (1) *complementação e elaboração conceitual*; (2) *sobreposição conceitual*; (3) *inexistência de coerência conceitual aparente no nível da metáfora*. A seguir, apresentarei exemplos de cada categoria.

4.1. Complementação ou elaboração conceitual

A categoria da complementação conceitual inclui diferentes casos em que as metáforas se enriquecem conceitualmente. A complementação mais forte possível ocorre quando duas expressões metafóricas provêm da mesma metáfora conceitual e expressam dois aspectos inerentes e necessários a ela. No caso da metáfora INTEGRAÇÃO EUROPEIA É VIAGEM, uma expressão metafórica se refere à direção, a outra à velocidade, e a outra ao objetivo e à intenção que impulsionam o agente; todos são aspectos essenciais de qualquer viagem.

The European project now has a good chance **to go in another, more cooperative direction** [seguir em outra direção mais cooperativa] - if the French and German governments, which **set the pace on European integration** [definem o ritmo da integração europeia], **take to heart** the questions and doubts their voters have raised about Europe's own social and economic conditions. That would mean concentrating on economic reform and liberalisation at home instead of **chasing more abstract and distant shadows** [perseguir sombras mais abstratas e distantes] of American power. (*Guardian* PD 97)²³

Em muitos casos, agrupamentos de metáforas fortemente integrados nos permitem imaginar uma progressão causal ou temporal em um micromundo mental. Em tais cenários metafóricos, existem diversas variantes da continuidade de uma ação, incluindo cadeias causais, raciocínios contrafactuais ou sugestões para resolver um problema futuro, e a pesagem de alternativas de ação (sobre o papel dos cenários na argumentação, ver MUSOLFF, 2004):

²³ As palavras em itálico são veículos que não contribuem para a presente discussão, apesar de serem claramente metafóricas. Essa convenção será mantida ao longo do trabalho. (N. A.)

Newly re-elected and about to **take the wheel at the EU presidency** [assumir a direção²⁴ da presidência da UE], he has all the theoretical power needed to **steer it out of a crisis** [desviá-la de uma crise]. As a potent, proven political force, he should be ready to **knock sense into the clowns** who have **driven “The Project” to the brink of disaster** [conduziram “O Projeto” para a beira de um desastre]. (*Sun PD 67*)

Whether it is about enlargement or planning the constitution or finances, it always follows the same method: first decide what to do, then create the justification. **It always tries to take the second step before the first** [tenta dar o segundo passo antes do primeiro]. No wonder then **that integration just stumbles along** [a integração tropeça junto]. (*Guardian PD 15*)

AFTER Labour’s *sound beating* in the European and local elections I believed, naively perhaps, that Mr Blair would be **forced to sit up** [ser forçado a sentar direito] and take notice. **Instead, he stumbles blithely on** [em vez disso, ele tropeça tranquilamente] with no regard for our feelings, in the vain belief he can make us change our minds. (*Sun PD 165*)

Tony Blair, right, will now *mothball* his offer of a UK vote in case EU leaders come up with **a way of keeping the constitution alive** [um jeito de manter a constituição viva]. But privately the PM knows the treaty is **dead in the water²⁵** [está morta na água]. Ironically, he is likely to be in charge of the EU when heads of state finally **read the constitution its last rites** [darem a extrema-unção à constituição]. (*Sun PD 68*)

Os princípios da extensão e da elaboração de metáforas de Lakoff e Turner (1989) também ocorrem em cenários metafóricos, geralmente com o propósito de apresentar considerações ou atributos que vão além do que é convencionalmente compartilhado. No próximo exemplo, o cenário metafórico convencional O FIM DA CONSTITUIÇÃO É A SUA MORTE é elaborado em uma interação específica do agente, pela qual a constituição recebe os atributos de um vampiro:

TONY Blair last night **drove a stake through the heart** [cravou uma estaca no coração] of the EU Constitution. But the Prime Minister **failed to declare his victim finally dead** [falhou ao declarar a sua vítima como morta]. Foreign Secretary Jack Straw announced only that the British referendum on the treaty “would not proceed at this moment”. It was left to Tory Liam Fox, a former doctor, to **check the hated constitution’s pulse** [checar o pulso da odiada constituição]. (*Sun PD 29*)

Os falantes também costumam unir dois aspectos (criados metaforicamente e, em tese, independentes) de um evento em um minicenário, de tal forma que as duas imagens se

²⁴ Aqui, ‘direção’ remete ao volante de um carro. (N. T.)

²⁵ A expressão idiomática *dead in the water* é utilizada para enfatizar que algo não deu certo e que as chances de sucesso futuro são mínimas. (N. T.)

complementam em uma única oração ou em orações próximas conectadas. Aqui, duas ou mais imagens complementam uma representação mental compacta de uma maneira não convencional. Chamamos esse tipo de interação metafórica densa e bastante frequente (pelo menos no jornalismo) de um *cenário metafórico não convencional*. No exemplo a seguir, um substantivo metafórico e um verbo metafórico são integrados sintaticamente e podem ser imaginados como um minicenário mental coerente:

the **mountain of red tape**²⁶ [montanha de fita vermelha] which **swamps** [alaga] business, the European Court and the human rights laws (*Sun* PD 150)

Nos termos da teoria de formação de frases de Langacker (1987), as metáforas provavelmente farão parte de um único *local de elaboração* mental, um bloco de rascunhos mental no qual os elementos são inscritos. Fazer as metáforas partilharem de um único cenário imagético dessa forma as integra de maneira firme. Note que, apesar das complementações sintáticas, as duas metáforas são mais independentes no nível conceitual do que seriam os acarretamentos complementares de uma única metáfora conceitual. Apesar de complementarem um *frame* de ação mental, cada expressão individual também estaria completa como metáfora fora do *frame*.

4.2 Sobreposição conceitual

Há diversos tipos menos rígidos de sobreposição conceitual entre metáforas, muitos dos quais foram analisados em Goatly (1997, cap. 9). Em um dos casos, os campos semânticos dos domínios fonte não são idênticos, mas se sobrepõem, enquanto o domínio alvo é o mesmo. As ligações conceituais podem se valer da afinidade entre os esquemas de imagem ou de campos semânticos prolíficos e de inferências semelhantes compartilhadas, como ilustram os exemplos a seguir.

This would, of course, represent a startling **volte-face** [reviravolta] for Tony Blair. And yet the prime minister's particular skill is the performance of the **graceful U-turn** [retorno]²⁷, couched in the language of the moral imperative. His current **crusade** [cruzada] is to make African poverty history. Let him start by **withdrawing** [recuar] from the two commitments most harmful to that continent: the EU common policies on overseas aid and agriculture. (*Guardian* PD 97)

²⁶ 'Red tape' é uma expressão idiomática que se refere à burocracia excessiva ou ao apego a regras e formalidades. (N. T.)

²⁷ O retorno em questão é aquele que um motorista faz com o carro. (N. T.)

Meanwhile, by **deft footwork** [manobra habilidosa dos pés] on his part and clumsiness by France's Jacques Chirac, **he turned a dud card on Europe into a winning hand** [ele transformou uma carta inútil para a Europa em uma mão vencedora]. (*Sun* PD 6)

No primeiro exemplo, todas as metáforas dizem respeito às ações de Tony Blair e usam o domínio-fonte TRAJETÓRIA, mas diferem em dois aspectos. A terceira metáfora é diferente no sentido de que ‘*crusade*’ [cruzada] contribui com os atributos adicionais mapeados de fervor religioso e agressividade, enriquecendo, assim, o domínio de esquema de imagem TRAJETÓRIA. Além disso, as características da trajetória diferem (REVERSA, TRAJETÓRIA EM LINHA RETA, TRAJETÓRIA REVERSA AO CONTÊINER). No segundo exemplo, a primeira metáfora sobre política e o trabalho dos políticos provavelmente vem da luta de boxe, e a segunda, do pôquer ou de jogos de azar. Apesar de os domínios fonte não serem idênticos em um nível mais concreto, os dois compartilham de várias das suas inferências gerais e produzem uma imagem semelhante da política como uma questão de habilidade, boas estratégias e, talvez, força de vontade e resistência.

Um caso muito frequente é o das metáforas que têm domínios fonte completamente diferentes, mas compartilham do mesmo domínio alvo. Basicamente, as metáforas estão *alinhadas para “contar uma história”* sobre o domínio alvo, que são descritos de diferentes ângulos (sobre a “diversificação com diferentes bases”, ver GOATLY, 1997):

Over the past few years, the EU has become **something of a juggernaut**²⁸ [se tornou uma espécie de rolo compressor] and I fear it has become **so concerned with navel-gazing** [tão preocupada com o próprio umbigo] that it has actually **lost touch with** [perdeu contato com] the populations of Europe. (*Guardian* PD 214)

BRITAIN'S referendum on the EU treaty will be **shelved** [será guardada na estante] on Monday - after Holland last night **drove the final nail into its coffin** [prende o último prego no caixão]. (*Sun* PD 13)

Aqui, na mesma frase, encontramos A UE É UM MONSTRO, A UE É UM CORPO vendo ele mesmo e A UE É UMA ENTIDADE QUE ESTAVA EM CONTATO COM OUTRA ENTIDADE, MAS QUE AGORA ESTÁ DISTANTE. As metáforas, pelo que parece, são combinadas para realçar vários aspectos do mesmo tópico, a UE (o crescimento da UE, comportamento interno e externo). No segundo exemplo, novamente, um único domínio alvo, a constituição da UE, utiliza diferentes domínios fonte (A CONSTITUIÇÃO É UM LIVRO vs. A CONSTITUIÇÃO É UM SER VIVO).

²⁸ Além de se referir a um grande caminhão ou rolo compressor, a expressão também pode se referir a uma força ou organização grande e poderosa que não pode ser impedida. (N. T.)

O tipo menos rígido de sobreposição semântica provavelmente vem das metáforas com diferentes domínios alvo, mas que, apesar disso, usam domínios fonte semelhantes. Isso pode ser considerado uma estratégia associativa de *priming* parcial de uma metáfora através da outra, que pode causar uma “sensação de equivalência” em relação aos domínios alvo diferentes (GOATLY, 1997, p. 258):

Old Etonian Mr Cameron, below, fears years in the **wilderness** [selva] for the party if either “**Big Beast**” [“Grande Fera”] Mr Clarke or Mr Davis wins. (*Sun* PD 170)

The answer is that *the wind has changed* and **our chameleon Prime Minister** [nosso Primeiro Ministro camaleão] has *spotted an opening*. If that means *shedding* his image as an ardent European, so be it. Mr Blair is happy **in any camouflage that gets him through the day** [em qualquer camuflagem que o ajude a atravessar o dia]. But he should be **watched like a hawk** [ser vigiado como um gavião] as he spends his remaining time as PM manoeuvring through **the EU jungle, changing colour under every new leaf** [pela selva da UE, mudando de cor a cada nova folha]. (*Sun* PD 45)

No primeiro exemplo, os dois domínios alvo são diferentes (“crise partidária” e “líder político”) e os domínios fonte não são conectados por nenhum acarretamento ou inferência direta. A conexão é mais vaga que isso: simplesmente apresenta dois aspectos do campo semântico “vida selvagem”. No segundo exemplo, com o mapeamento UM POLÍTICO ASTUTO É UM CAMALEÃO (MUDAR UMA OPINIÃO DECLARADA É MUDAR DE COR), encontramos uma combinação relativamente firme de três metáforas no cenário não convencional A UE É UMA SELVA, bem como uma sobreposição associativa mais vaga delas com a expressão idiomática ‘*watch like a hawk*’ [vigiar algo/alguém como um gavião].

4.3. A inexistência de coerência conceitual entre metáforas

Já vimos, até agora, vários casos em que a interação conceitual entre metáforas se baseia somente em um domínio alvo recorrente, e também casos mais raros de domínios fonte relacionados que são aplicados a domínios alvo sem nenhuma relação. Muitos agrupamentos têm ainda menos interação conceitual do que esses. Eles não compartilham de domínios fonte nem alvos no sentido mais estrito, e também não têm uma conexão sintática forte. As metáforas nas frases sobre a UE a seguir podem apenas pertencer ao mesmo contexto argumentativo, mas não compartilham de nenhuma lógica além disso.

There is a way of looking at the acrimonious failure of the **European summit** [cúpula europeia] as a great triumph for Tony Blair. The rebate is preserved. The **last rites have been performed** [a extrema-unção foi dada] over the European constitution. A **vicious bust-up** [uma discussão feroz] with Jacques Chirac excites approving headlines about the Prime Minister **bulldogging for Britain** [defendendo a Grã-Bretanha como um buldogue]. Tony Blair has finally **turned into Margaret Thatcher** [transformou-se na Margaret Thatcher]. (*Guardian* PD 128)

Tony Blair's criticism of EU regulations [...] would be laughable if it were not so two-faced. While **preaching the pro-business gospel** [pregar o evangelho pró-empresarial], he has done nothing **to stop the tide of EU rules and red tape** [impedir a maré de regras e burocracia da UE] from **choking Britain** [de sufocar a Grã-Bretanha]. (*Guardian* PD 175)

No doubt Labour and the Lib Dems would like to **see some wind in the UK Independence party's sails** [ver um pouco de vento soprando nas velas dos partidários da independência do Reino Unido] to keep the Tories **on the defensive** [na defensiva]; but **winds can be changeable** [os ventos podem mudar], so all three parties seem to have concluded that the European issue is **best kept in its box** [ficará melhor guardada na caixa] until after polling day. (*Guardian* PD 225)

A última citação representa um caso híbrido. Enquanto a primeira e a terceira metáforas são coerentes entre si e evocam um único cenário, não compartilham nem do domínio-fonte nem do alvo das metáforas 2 e 4. Observe que todos os agrupamentos de metáforas apresentados até agora parecem perfeitamente normais e não exemplificam as metáforas mistas de maneira negativa. Isso muda no extremo fim da escala. Aqui encontramos, apesar de raros, agrupamentos infelizes de metáforas que produzem uma forte sensação de choque de imagens:

Together, these values and goals, embedded in the EU constitution's charter of fundamental rights, represent the **woof and warp** [tecido base²⁹] of a **fledgling European Dream** [um inocente Sonho Europeu] and the beginnings of a global consciousness. (*Guardian* PD 329)

More than a year after enlargement, **gridlock is the dog that didn't bark**³⁰ [o engarrafamento é o cão que não latiu]. (*Guardian* PD 34)

O tamanho do impacto desse choque na percepção de uma pessoa provavelmente depende da profundidade do processamento metafórico (GIBBS, 1999), como discutiremos em breve.

²⁹ A expressão 'woof and warp' representa a fundação/base de uma estrutura ou organização. Vem da tecelagem, em que 'woof' são os fios que correm na horizontal e 'warp' os que correm na vertical. (N. T.)

³⁰ 'The dog that didn't bark' [o cão que não latiu] é uma expressão idiomática que se refere ao fato de que a falta de algo também pode ser considerada uma pista. (N. T.)

5. Explicando as metáforas mistas na argumentação complexa

Vamos refletir por um momento. A parte quantitativa da análise mostrou um número alto de pares de metáforas discursivas que não são relacionadas ontologicamente pelo domínio fonte, e até mesmo muitas que não se relacionam pelo domínio alvo foram encontradas. A parte qualitativa também distinguiu diversos tipos de interação entre metáforas e deixou claro que considerar a existência de um mecanismo cognitivo genérico por trás de todas elas não é uma boa abordagem. Falando especificamente do tipo de agrupamento de metáforas a que chamamos “misto”, os linguistas cognitivos se deparam com um grande desafio. Como exemplificado, as metáforas mistas nos comentários de jornais geralmente não são incoerentes ou fora dos padrões normais de argumentação. Isso traça certos limites para uma análise argumentativa baseada apenas nas metáforas, e demanda outras ferramentas teóricas.

O desafio de trazer uma contribuição mais completa exige a combinação das metáforas conceituais com outros instrumentos de discurso conceitual. Cumprir esse desafio está muito além do escopo deste trabalho, pois os instrumentos de modulação existem em grande quantidade (ver KOLLER, 2003; HART & LUKES, 2007) e demandam uma base mais profunda na teoria do discurso. Tudo o que podemos fazer é oferecer algumas observações básicas sobre o papel das metáforas conceituais como estruturas conceituais cognitivas, mas talvez não completamente reguladoras do discurso.

5.1 A análise metafórica sozinha não pode explicar unidades de significado com a presença de metáforas

Os agrupamentos de metáforas incoerentes baseados em metáforas conceituais enraizadas ou em outros tipos de sobreposição semântica precisam ser abordados do ponto de vista da unidade de significado maior da qual eles fazem parte – em outras palavras, o que nos referimos coloquialmente como “argumentação”. Começaremos com duas observações importantes, porém frequentemente desprezadas, que surgem apenas quando olhamos para os argumentos por inteiro.

Antes de mais nada, os analistas invariavelmente levam em consideração os aspectos do texto que não são propriamente parte das metáforas ao identificar tópicos gerais, temas de argumentação ou a estratégia de persuasão do falante. O significado de um argumento não é especificado plenamente pelos acarretamentos de uma metáfora no sentido estrito, nem mesmo nos casos mais simples, como na negação de metáforas:

It's a negative vote, but **Europe will not stop** [a Europa não vai parar]
(*Guardian* PD 178)

Essa negação da metáfora (uma “anti-metáfora”) inverte a sua valência argumentativa, isto é, se a Europa “para” ou “continua”. Alguns diriam que as metáforas negadas se baseiam no mesmo mapeamento conceitual da frase e apenas instanciam um cenário metafórico diferente que deriva dela (MUSOLFF, 2004). Apesar de isso talvez ser verdade, não devemos ignorar o fato de que os mecanismos linguísticos não metafóricos invariavelmente se mesclam ao processamento das metáforas. Geralmente a gramática e o co-texto também são considerados. Mecanismos que modulam as metáforas podem ser discutidos em termos de recursos da Linguística Funcional (KOLLER, 2003, p. 96-104) e incluem modalizadores, sinalização explícita da metáfora e minimizadores. Além disso, vários tipos de mecanismos de *framing* linguístico contribuem para esse processamento, incluindo (mas não se limitando a) humor, nível de convicção, perspectiva e atitude. Por exemplo, há o caso em que “se uma expressão metafórica está inserida em uma oração que mostra uma atitude pejorativa, isso pode indicar que o produtor do texto rejeita a metáfora, o que talvez, desse modo, assegure a coesão por meio da negação de uma metáfora anterior” (p. 97). Por fim, a posição de uma metáfora na macroestrutura textual também influencia a sua proeminência; por exemplo, se ela está inserida em um argumento que introduz o assunto ou o resumo. Assim, não devemos nos iludir pensando que a informação contida nas metáforas linguísticas é idêntica à estrutura total do argumento ou à unidade discursiva de interesse.

É por uma razão diferente, apesar de relacionada, que as metáforas geralmente não constituem unidades de análise completas. Independentemente do quão produtiva seja a análise metafórica por si só para o entendimento da retórica e do impacto cognitivo do discurso, as unidades lógicas básicas que moldam o *frame* do conjunto argumentativo frequentemente abarcam passagens maiores que uma única metáfora:

Tony Blair's criticism of EU regulations [...] would be laughable if it were not so **two-faced** [duas-caras]. While **preaching the pro-business gospel** [prega o evangelho pró-empresarial], he has done nothing **to stop the tide of EU rules** [para impedir a maré de regras da UE] and **red tape** [fita vermelha] from **choking Britain** [sufocar a Inglaterra]. (*Guardian* PD 175)

Apesar da inexistência de integração conceitual no nível da lógica metafórica, as cinco metáforas parecem contribuir para a coerência da unidade argumentativa. Cada uma apresenta um aspecto de um *frame* multifacetado relacionado à política (nesse caso: UM AGENTE AGE

USANDO DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS; ou mais especificamente: UM POLÍTICO AFIRMA TER ATITUDE NEOLIBERAL, MAS NÃO SE OPÕE A UMA REGULAMENTAÇÃO EXCESSIVA). Consequentemente, a análise precisa passar para o nível do *frame* para entender como e por que as metáforas são empregadas. Por essa razão, devemos fazer uso de diversos instrumentos da análise do discurso, concentrando-nos em uma unidade textual maior.

De um ponto de vista metodológico, os níveis discursivos da metáfora e da argumentação combinam com instrumentos de análise diferentes. Um estudo comparativo da análise de metáforas e da análise qualitativa de conteúdo (KIMMEL, 2009) indica que cada método revela funções cognitivas diferentes. As metáforas tendem a transmitir aspectos emocionais, avaliativos e de sumarização da cognição, enquanto o raciocínio causal complexo e holístico é revelado no nível da argumentação específica sobre o tópos, que é o enfoque da análise de conteúdo (apenas um de diversos métodos qualitativos) (ver SCHMITT, 1995). Arcos causais complexos resultam do que ocorre em torno das metáforas, e entre elas, em uma unidade argumentativa maior. Padrões de raciocínio complexos na sua totalidade são mais apropriadamente entendidos por meio da análise do conteúdo, pois o método é situado no nível dessas unidades conceituais maiores.

5.2. A estrutura da oração determina a pressão pela coerência

Vamos tratar agora da questão sobre por que as metáforas mistas funcionam bem cognitivamente. Ao meu ver, muitas metáforas mistas são processadas sem nenhum impedimento porque a estrutura gramatical da passagem exerce pouca pressão para integrá-las conceitualmente, permitindo-nos interpretá-las como referentes a diferentes níveis ontológicos. Assim, proponho que o que influencia mais diretamente o processamento dos agrupamentos de metáforas são as relações das unidades de oração em que eles ocorrem. Podemos resolver grande parte do enigma das metáforas mistas ao atentar para como metáforas adjacentes estão distribuídas nas orações e que grau de integração gramatical essas orações mostram. Três principais possibilidades podem ser destacadas. Em alguns casos, as metáforas podem se especificar mutuamente dentro de uma única oração; às vezes elas ocorrem em orações firmemente conectadas, e às vezes pertencem apenas a uma estrutura retórica maior que inclui orações conectadas de forma menos rígida. Esses três níveis de integração podem ser ilustrados pela análise dos “pacotes” constituintes da passagem do *Guardian* que vimos anteriormente:

Tony Blair's criticism of EU regulations [...] would be laughable if it were not so **two-faced (A)**. While **preaching the pro-business gospel (B)**, he has done nothing **to stop the tide of EU rules (C)** and **red tape (D)** from **choking Britain (E)**.

Orações que apresentam vários constituintes com metáforas separadas geralmente nos levam a processar essas metáforas de forma integrada, pois a oração especifica uma unidade conceitual propositalmente integrada. Se olharmos para as metáforas CDE acima, “*red tape*” [fita vermelha] e “*choking*” [sufocar] estão ambas muito conectadas gramaticalmente e tão perto conceitualmente que estimulam uma sobreposição mental da imagem, do mesmo modo que “*tide*” [maré] e “*choking*”. Um tipo mais fraco de coerência é a que acontece entre a oração contendo as metáforas CDE, considerada como um todo, e a oração vizinha contendo a metáfora B, pois tem como base uma relação lógica adversativa (sinalizada por “*while*” [apesar de]). Devido à separação das orações, nenhuma relação imagética entre as metáforas é estimulada. O conector “*while*” nos induz a processar as orações e metáforas como partes de uma relação de diferença. Assim, em termos de processamento integrativo das ontologias das metáforas, não encontramos muita pressão. Uma relação de coerência ainda mais fraca é a que existe entre a frase com duas orações de um lado e a frase igualmente complexa que vem antes dela do outro (A vs. BCDE).

Com base nessa tipologia qualificatória, nossa hipótese é que o nível da conexão entre orações “transportadoras” afeta profundamente a nossa tendência de processar as metáforas de forma integrada ou não. Apenas uma integração sintática estreita entre duas metáforas inseridas em uma oração pode impor ou incentivar uma integração semelhante entre o seu conteúdo semântico enquanto imagem. Nos casos em que metáforas mistas ocorrem entre orações, não há sensação de choque de ontologias, dispensando a necessidade de mecanismos secundários para evitá-la. Se isso estiver correto, o entendimento das metáforas mistas é uma consequência natural do processamento padrão de orações. O fato de que, nos comentários de jornais, as metáforas mistas ocorrem predominantemente entre as barreiras das orações explica de uma forma elegante os resultados anteriores (apesar de que analisaremos outros casos a seguir). Nos casos em que as metáforas mistas são partes de diferentes segmentos discursivos, isso é motivo suficiente para que pouco, ou até mesmo nenhum estranhamento ocorra.

5.3. Alternâncias conceituais entre planos ontológicos

Antes de entrarmos em detalhes sobre a minha proposta, devemos analisar mais atentamente as alternâncias ontológicas típicas entre as orações “transportadoras”. Apesar de as complexidades teóricas exigirem uma atenção muito maior,³¹ apenas alguns exemplos serão suficientes para nos fornecer uma amostra das possibilidades. Em primeiro lugar, as metáforas mistas podem não colidir simplesmente porque elas fazem sentido ao ocorrerem em uma sucessão temporal (ou seja, quando uma imagem ocorre depois que a outra enfraqueceu).

THE **rumblings of a political earthquake** [os rumores de um terremoto político] can be heard across Europe. More countries **chuck** [jogam] the EU constitution **into the dustbin** [na lixeira]. Humiliated French President Jacques Chirac is derided by his own countrymen as the **Sick Man of Europe** [o Homem Doente da Europa] - the title the French once bestowed on Britain. (*Sun* PD 40)

Alguns argumentos projetam os resultados de um evento no futuro de uma forma condicional, enquanto outros são apenas contrafactuais:

The controversial treaty - drafted by France - faces rejection in their referendum. That would almost certainly trigger a **wave** [onda] of other No votes across Europe, with Holland the **second domino to fall** [o segundo dominó a cair] three days later. A French **revolution** [revolução] would **plunge** [afundar] the European Union into crisis and put the **survival** [sobrevivência] of the European single currency in peril. (*Sun* PD 81)

None has been willing to **deliver the last rites to the constitution** [dar a extrema-unção da constituição] in public because they do not want to be blamed **for killing it off** [matá-la completamente]. (*Guardian* PD 77)

Além disso, há um alto número de conexões inferenciais complexas entre as orações nas quais as metáforas estão inseridas. Um desses tipos de conexão é o causal, que especifica uma condição prévia para o acontecimento do evento (geralmente a causalidade também aparece em uma sequência temporal):

Meanwhile, by **deft footwork** [uso habilidoso dos pés] on his part and clumsiness by France's Jacques Chirac, he **turned a dud card** [ele transformou uma carta inútil] on Europe **into a winning hand** [em uma mão vencedora]. (*Sun* PD 6)

³¹ A Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER & TURNER, 2002) e a Teoria da Estrutura Retórica (MANN & THOMPSON, 1988) são recursos úteis de análise. (N. A.)

Em um tipo parecido de conexão, formula-se uma condição para que algo aconteça:

Unless we are allowed to **deliver** [entregar] a decisive No - which is what all the polls indicate would happen - there will always be scope for **EU power brokers to strike deals** [os poderosos da UE fecharem um acordo] and **saddle us** [nos selarem]³² with a **watered down** [diluído] treaty. (*Sun PD 60*)

Mudanças de perspectiva acerca de um tópico também ajudam a explicar por que as metáforas podem ser processadas em planos diferentes. Por exemplo, um agrupamento de metáforas pode iniciar com um espaço mental que é descritivo e episódico (“O que os políticos fizeram?”) e próximo de um espaço avaliativo que é estático e sumarizador (“Qual é o significado disso?”):

By astonishing good luck and smart timing, he has **opened a rift** [abriu uma rachadura] between the **bullying** [intimidadora] French-German alliance and the rest of the European Union. All of this coincided with the UK presidencies of the EU and the G8 group of rich nations - seen at first as **poison chalices** [cálices envenenados] for a weakened leader. Now Tony Blair has the chance to drive change on all **fronts** [frontes], especially on EU reform and terror. **The lame duck is now cock of the walk** [o patinho feio agora manda no galinheiro]. (*Sun PD 6*)

Resumindo, a argumentação que inclui metáforas se move continuamente entre descrições de o que é, o que talvez seja ou o que não deveria ser, em que uma pessoa acredita ou não, como uma pessoa reage às crenças dos outros e como alguma ou todas essas coisas podem ser avaliadas. A argumentação se move entre o que é agora, o que será no futuro e o que talvez tivesse sido. Ela se move entre o que poderia acontecer sob condições específicas, o que acontece a não ser que alguma outra coisa aconteça, ou eventos que são incompatíveis. As metáforas participam dessa alternância entre planos conceituais, que impede que uma pressão forte considere a compatibilidade das imagens, evitando, assim, o surgimento de estranhezas. Desse modo, sugerimos que o problema da coerência *entre* metáforas mistas que ocorrem entre orações possa ser resolvido da seguinte maneira:

- (a) As metáforas estão inseridas em segmentos de unidades de discurso gramaticalmente/pragmaticamente sinalizados ou contextualmente inferidos, geralmente do comprimento de uma oração. Esses segmentos “transportam” as metáforas.

³² O verbo ‘selar’, aqui, tem o sentido de colocar a sela em um cavalo. (N. T.)

- (b) As metáforas que ocorrem entre orações (ou até entre frases) estão mais distantes conceitualmente do que aquelas em uma única oração. Quando elas estão relativamente distantes, diversas relações conjuntivas entre as orações são manifestadas, incluindo exemplificação, sumarização, concessão, oposição, conexão temporal, causal ou apenas aditiva. Isso, por sua vez, exige a alternância entre planos conceituais.
- (c) Todas essas relações levam a um “padrão de processamento mínimo”, ou seja, que *o entendimento das metáforas em relação ao seu significado imagético deve se dar sobretudo dentro da sua unidade de oração, e não entre unidades*. Na falta de indicadores adicionais, isso transforma as unidades de oração na principal base a partir da qual a figura da metáfora é compreendida.
- (d) Qualquer tipo de alternância entre planos ontológicos impede o processamento conjunto das imagens das metáforas e tende a tornar a mistura natural (note que esse impedimento não evita o processamento conjunto dos acarretamentos *proposicionais* das metáforas. Eles se encaixam sem problemas em um formato de representação comum, se beneficiando da sua maior abstração).

Como sugestão de tema para pesquisas futuras, seria interessante uma análise em maiores detalhes das alternâncias de plano por meio dos mecanismos do discurso conjuntivo e do seu impacto na coerência.

5.4. Metáforas mistas em uma única oração

O último caso remanescente na nossa análise são as metáforas mistas que acontecem em uma única oração, mesmo que isso não seja muito frequente. Aqui, a gramática não separa os planos ontológicos, tornando maior a pressão cognitiva para o processamento conjunto das metáforas. Consideremos o que geralmente é definido como uma metáfora mista no sentido negativo:

[...] the European Union is **a network in permanent onward flux** [uma rede em um fluxo permanentemente para frente] (*Guardian* PD 265)

By rights, the French and Dutch NO should have **stopped** [impedir] the **ramshackle** [ruínas] EU constitution **in its tracks** [nos seus trilhos].(*Sum*PD 33)

No primeiro caso, as ontologias estáticas e dinâmicas de “*network*” [rede] e “*flux*” [fluxo] colidem em um sentido bem básico, pois a imagem de uma rede enfatiza algo consideravelmente estático. O segundo caso é parecido, pois estruturas em ruínas geralmente não são aplicadas a veículos. Surge, então, uma sensação de estranhamento, pois os micromundos dos domínios fonte das metáforas são fundamentalmente incompatíveis. Os indicadores gramaticais de integração estreita (tais como a relação entre substantivo e atributo) criam uma sensação de incompatibilidade imagética. Um prédio simplesmente não se moverá em trilhos; conseqüentemente, esse choque só poderá ser neutralizado pela supressão da imagem. Isso é o que Gibbs (1999) chama de “processamento raso” da metáfora, isto é, entendê-las *somente* por meio de seu significado proposicional, em oposição ao processamento duplo, no qual a imagem ainda pode estar ativa. Alguns leitores aplicarão o processamento raso, enquanto outros simplesmente considerarão a mistura malsucedida, por não poderem evitar o processamento aprofundado.

6. O que isso significa para a Teoria da Metáfora Conceitual?

Prevendo que os interessados em Linguística Cognitiva estejam esperando pelas implicações das metáforas mistas para a Teoria da Metáfora Conceitual, apresentaremos em seguida algumas conclusões e ideias para pesquisas futuras.

Que limitações no discurso podem surgir das metáforas conceituais? Nossa conclusão é que a ativação dessas metáforas, no geral, está provavelmente relacionada aos segmentos do discurso no nível da oração, e não a unidades maiores como argumentos inteiros. Um erro frequente entre os teóricos da LC é assumir que dada metáfora conceitual em um segmento de discurso específico permite antever metáforas adjacentes que contribuam para uma unidade de discurso maior. Os riscos dessa suposição já foram demonstrados empiricamente por Quinn (1991) e por Shen e Balaban (1999), bem como pelo presente artigo. Os dados mais encorajadores de Corts (2006), por outro lado, combinam com uma pequena parcela dos nossos dados, que mostram que as metáforas são usadas de forma consistente em segmentos de discurso adjacentes. É evidente que os falantes empregam metáforas conceituais repetidamente ao longo de um trecho do discurso (por exemplo, para enfatizar um ponto ou elaborar uma imagem), mas isso nem sempre acontece. O gênero textual pode influenciar a frequência com que isso ocorre.

Um entendimento mais profundo sobre a natureza das metáforas conceituais, raramente mencionado, também surgiu após a análise. A maioria esmagadora dos dados mostra que as

metáforas estão inseridas em unidades argumentativas que apresentam múltiplas metáforas e uma grande quantidade de estruturas vinculativas não-metafóricas. Consequentemente, uma única metáfora conceitual não pode ter mais que uma capacidade limitada para moldar argumentos quando estes são tão complexos quanto os do jornalismo tendem a ser. As metáforas conceituais raramente estruturam completamente os planos de discurso longos e complexos, pois padrões como REGULAMENTO É MARE e DISCURSO POLÍTICO É SERMÃO RELIGIOSO são inerentemente “de médio alcance”, isto é, são geralmente utilizados para estruturar o conhecimento no nível das orações (isso também vale, na maior parte, para metáforas de nível genérico como PROCESSO É TRAJETÓRIA e ESTADO É CONTÊINER). Essa condição de médio alcance não é necessariamente uma fraqueza, pois as metáforas conceituais são, ao mesmo tempo, “multi-uso”: podem ser utilizadas de forma flexível e são relativamente independentes de um dado contexto episódico. Não obstante, isso explica por que, dentro dos agrupamentos de metáforas, as manifestações das metáforas conceituais são frequentemente ligadas em uma cadeia “sintagmática”, enquanto cada um desses mapeamentos conceituais é encontrado em um número considerável de contextos “paradigmáticos” bastante diferentes. As metáforas conceituais são, assim, realmente conceituais, mas não costumam produzir argumentos complexos quando isoladas. Há duas razões principais para isso. A primeira é que as metáforas costumam se juntar e, desse modo, interagir conceitualmente. Quando os acarretamentos de uma metáfora conceitual são comparados ao conteúdo proposicional de um argumento, verifica-se que eles geralmente contribuem para partes da cadeia inferencial, mas raramente para a cadeia inteira, como demonstrou Quinn (1991, 2005) de forma convincente. A segunda razão, como Koller (2003) explicou em detalhes e nós mencionamos brevemente acima, é que mecanismos do discurso que não são metafóricos são igualmente essenciais para explicar como o significado das metáforas é modulado contextualmente.

Nossas conclusões apontam para uma agenda de pesquisa diferenciada. Os estudos devem considerar dois tipos de limitadores cognitivos: aqueles responsáveis pela *seleção metafórica* (no respectivo segmento do discurso) e aqueles responsáveis pela *vinculação metafórica* (entre segmentos). A questão da seleção metafórica deve ser abordada, como de fato tem sido, pelos psicolinguistas que nos mostraram que a metáfora conceitual é em geral uma fonte de motivação, juntamente com outras que possam surgir (GIBBS, 2005). A questão da vinculação metafórica foi abordada no presente artigo e também por Quinn (1991). Enquanto neste último, grande parte da capacidade da metáfora conceitual é negada, nossos resultados levam a um quadro empírico misto. Dessa perspectiva, podemos pensar em um agrupamento de metáforas de maneira que uma dada metáfora conceitual temporariamente “lampeja” no

inconsciente cognitivo quando a primeira expressão metafórica é processada. Em alguns casos, essa ativação – sem ser propriamente esperada – influencia a seleção da(s) metáfor(a)s subsequente(s), enquanto em muitos outros casos essa ativação enfraquece ou é anulada por outros mecanismos do discurso. Nesse sentido, metáforas conceituais temporariamente ativas fazem parte do campo dos diversos atratores de discurso que competem por influência. Como atratores, as metáforas conceituais podem exercer limitações até o nível meso do discurso, mas raramente regem uma passagem completa com quatro ou cinco metáforas. Assim, é importante não destacarmos apenas as características negativas em detrimento das positivas. Precisamos entender as metáforas conceituais no discurso como elas são: limitadas, no sentido de um conceito capaz de oferecer uma explicação completa, mas também portadoras de uma função cognitiva legítima. Para que essa função fique mais clara, pesquisas futuras deverão avançar em direção a um modelo dinâmico de produção do discurso que explique os princípios da seleção e da vinculação de metáforas com referência ao contexto e crenças gerais do falante, sobre o que ele deseja argumentar, a variedade de metáforas conceituais disponível e também o encaixe pragmático das expressões possíveis.

7. Conclusão e perspectivas

As metáforas mistas são frequentes e, na maioria dos casos, não representam um problema quando se complementam e enriquecem o significado da passagem do texto. O estudo das metáforas mistas traz um viés interessante para a relação entre a metáfora e as unidades discursivas mais inclusivas e estruturalmente complexas, como argumentos. Como um panorama geral, podemos resumir as ideias mais relevantes do artigo da seguinte maneira:

- (1) As metáforas mistas, no geral, não levam a um discurso fragmentado; a maioria dos argumentos que incluem múltiplas metáforas parecem ser perfeitamente bem-sucedidos (estudos avaliativos que apoiassem esse pressuposto seriam de grande utilidade). Inferir uma fragmentação do discurso como resultado das metáforas mistas significaria presumir erroneamente que a coerência do discurso exige coerência metafórica.
- (2) Não existe um padrão genérico para como as metáforas em unidades argumentativas longas interagem conceitualmente. Identificamos formas de integração rígidas ou flexíveis inseridas em sobreposições de domínios fonte ou alvo, assim como a falta dessas integrações. Certos planejamentos de discurso favorecem o uso de apenas uma metáfora conceitual na unidade argumentativa, como enfatizar um ponto ou

elaborar uma metáfora importante. Em relação a outros objetivos retóricos (aparentemente a maior fatia do corpus), encontramos fortes motivações para o entrelaçamento de diferentes tipos de metáfora conceitual.

- (3) Em relação à coerência do discurso, alguns argumentos com metáforas podem ser conectados tanto por meio da lógica da metáfora quanto da própria argumentação causal (“vinculação interna”), enquanto outros são conectados apenas no nível da lógica argumentativa (“vinculação externa”). No primeiro caso, a Teoria da Metáfora Conceitual carece de complementação; no segundo, uma explicação completamente diferente é necessária.
- (4) Para explicar os argumentos que são conectados apenas externamente, chamamos a atenção para o fato de que a maioria das metáforas textualmente adjacentes são distribuídas entre as orações. Defendemos que as metáforas podem “herdar” as relações de coerência das suas respectivas orações, e que o fato de pertencerem a diferentes orações gera pouco incentivo cognitivo para a mesclagem de imagens metafóricas. Em outras palavras, os falantes simplesmente não esperam uma consistência ontológica nas metáforas quando um argumento complexo entrelaça planos de significado como os espaços mentais de convicção do agente, convicção do sub-agente (ou destinatário), avaliação do falante, conhecimento prévio factual, entre outros. É por esse motivo que as metáforas mistas funcionam na maioria das vezes. Agrupamentos de metáforas dentro de uma única oração existem, é claro, e são mais propensos a parecerem estranhos na ocorrência de ontologias mistas. Não oferecemos uma contribuição quantitativa sobre isso neste artigo, mas assumimos, com base na nossa familiarização com os dados, que, na verdade, a maioria desses agrupamentos compartilha propriedades ontológicas.
- (5) Nenhum dos dados analisados aqui questiona a natureza genuinamente cognitiva do pensamento metafórico, a sua capacidade de criar conceitos e moldar partes das unidades argumentativas. Ainda assim, quando as metáforas conceituais se tornam ativas, precisamos considerar que (a) na maioria dos casos elas o fazem de forma local, isto é, no nível da oração, e (b) geralmente o fazem em conjunto com outros princípios cognitivos da produção do discurso, que ainda não estão nem perto de serem compreendidos nessa interação.

No geral, apresentamos um método empírico para a abordagem da questão das metáforas mistas, que esperamos que seja aplicado em outros corpora. Também esperamos ter

demonstrado que há explicações cognitivas perfeitamente aceitáveis para o fato de as metáforas mistas não causarem estranheza ou atrapalharem o discurso.

A explicação oferecida aqui certamente pode unir forças com outras. Por exemplo, Svanlund (2007, p. 85) apresenta dados de corpus sugerindo que os domínios fonte não são ativados ao máximo em muitas metáforas típicas, o que reduziria inerentemente o choque ontológico percebido. Certamente seria interessante obter dados estatísticos de corpora amplos e representativos que clarificassem que tipos de metáforas aparecem em agrupamentos mistos e que tipos o fazem apenas raramente. Isso, por sua vez, poderia ajudar a esclarecer por que certos gêneros textuais aparentemente apresentam uma porcentagem maior de pares de metáforas consistentes, como mostram os dados de Corts (2006). Para fins de gênero, comparações que avaliassem medidas e métodos como os meus poderiam complementar umas às outras de forma lucrativa.

Após termos demonstrado o motivo de choques intensos entre metáforas mistas serem raros, o próximo passo deve levar a um entendimento teórico mais profundo dos mecanismos conjuntivos pelos quais essas metáforas se tornam mutuamente enriquecedoras e coerentes dentro da sua unidade discursiva mais ampla. Os fatores responsáveis pela “vinculação externa” entre as metáforas devem se tornar o foco das novas pesquisas. Essa tarefa pode ser abordada utilizando-se ferramentas da Linguística Funcional (KOLLER, 2003), da Teoria da Estrutura retórica (MANN & THOMPSON, 1988), assim como de certos aspectos da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER & TURNER, 2002), que discutem em detalhes como as alternâncias de planos ontológicos acontecem.

Referências:

CAMERON, Lynne. **Metaphor in Educational Discourse**. Londres: Continuum, 2003.

CAMERON, Lynne; STELMA, Juup. Metaphor clusters in discourse. **Journal of Applied Linguistics**, [s. l.], v. 1, p. 7-36, 2004.

CIENKI, Alan. Some properties and groupings of image schemas. *In*: VERSPOOR, M.; LEE, K.D.; SWEETSER, E. (Org.), **Lexical and Syntactical Constructions and the Construction of Meaning**. Amsterdam: John Benjamins, 1997, p. 3-15.

CORTS, Daniel. Factors characterizing burst of figurative language and gesture in college lectures. **Discourse Studies**, [s. l.], v. 8, p. 211-233, 2006.

CORTS, Daniel; MEYERS, Kristina. Conceptual clusters in figurative language production. **Journal of Psycholinguistic Research**, [s. l.], v. 31, p. 391-408, 2002.

CORTS, Daniel; POLLIO, Howard. Spontaneous production of figurative language and gesture in college lectures. **Metaphor and Symbolic Activity**, [s. l.], v. 14, p. 81–100, 1999.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities**. New York: Oxford, Basic Books, 2002.

GIBBS, Raymond. Researching metaphor. In: CAMERON, L.; LOW, G. (Org.), **Researching and Applying Metaphor**. Cambridge: Cambridge UP, 1999.

GIBBS, Raymond. **Embodiment and Cognitive Science**. Chicago: Chicago University Press, 2005.

GOATLY, Andrew. **The Language of Metaphors**. Londres: Routledge, 1997.

KIMMEL, Michael. The EU constitution in a stereoscopic view: qualitative content analysis and metaphor analysis compared. In: PAUSCH, M.; MOKRE, M. (Org.), **The Contestation of Europe**, Campus, 2009.

KOLLER, Veronika. **Metaphor Clusters in Business Media Discourse: A Social Cognition Approach**. Tese (Doutorado em English Linguistics) – Vienna University, 2003.

KYRATZIS, Athanasios. **Metaphorically Speaking: Sex, Politics, and the Greeks**. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Lancaster, 1997.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. The invariance hypothesis: is abstract reason based on image-schemas? **Cognitive Linguistics**, [s. l.], v.1, p. 39-74, 1990.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More Than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of Cognitive Grammar**. Stanford: Stanford U.P, 1987.

LIEBERT, Wolf-Andreas. Stop making sense! Metaphor and perspective in creative thinking sessions of scientists and scientific radio broadcasts. In: LIEBERT, W.-A.; REDEKER, G.; WAUGH, L. (Org.), **Discourse and Perspective in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1997.

HART, Christopher; LUKES, Dominik (Org.). **Cognitive Linguistics in Critical Discourse Analysis: Application and Theory**. Newcastle: Cambridge Scholars Press, 2007.

MANN, William; THOMPSON, Sandra. Rhetorical structure theory: toward a functional theory of text organization. **Text – Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse**, [s.l.], v. 8, p. 243-281, 1988.

MOKRE, Monika; PAUSCH, Markus; BRU'LL, Cornelia; GAISBAUER, Helmut; GRO'NER, Ulrike; KIMMEL, Michael. **The Referenda on the European Constitution: A**

Crucial Moment for the Development of a European Public Sphere? Relatório de projeto em Ciências Políticas. Faculty of History and Political Sciences, Wien, University of Salzburg, 2006.

MUSOLFF, Andreas. **Metaphor and Political Discourse**: Analogical Reasoning in Debates about Europe. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.

OAKLEY, Todd. Image schema. *In*: GEERAERTS, Dirk (Ed.), **The Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford UP, 2007, p. 214-235.

PRAGGLEJAZZ GROUP. MIP: a method for identifying metaphorically used words in discourse. **Metaphor & Symbol**, [s.l.], v. 22, p. 1-39, 2007.

QUINN, Naomi. The cultural basis of metaphor. *In*: FERNANDEZ, J. (Ed.), **Beyond Metaphor: The Theory of Tropes in Anthropology**. Stanford: Stanford UP, 1991.

QUINN, Naomi. **Finding Culture in Talk**: A Collection of Methods. New York/Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.

SCHMITT, Rudolf. **Metaphern des Helfens [Metaphors of Helping]**. Psychologische Verlags Union: Weinheim, 1995.

SHEN, Yeshayahu; BALABAN, Noga. Metaphorical (in)coherence in discourse. **Discourse Processes**, [s.l.], v. 28, p. 139-153, 1999.

SVANLUND, Jan. Metaphor and convention. **Cognitive Linguistics**, [s.l.], v. 18, p. 47-89, 2007.